


GRUPOS DE PESQUISA BRASILEIROS NO CAMPO DOS ESTUDOS DO LAZER: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E DESAFIOS INTERDISCIPLINARES¹

Recebido em: 11/06/2025

Aprovado em: 24/09/2025

Licença: 

Denise Falcão²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7665-4145>

RESUMO: Os Estudos do Lazer consolidaram-se como área interdisciplinar potente para compreender dinâmicas sociais. Esta pesquisa mapeou grupos de pesquisa vinculados ao CNPq com interface na área, investigando relações entre produção, circulação e envolvimento dos grupos na perspectiva interdisciplinar, bem como a importância e a representatividade de sua associação, a ANPEL entre outras. Com abordagem quali/quantitativa, aplicou-se questionário on-line aos grupos encontrados. As análises evidenciaram potências e desafios, como a necessidade de fortalecer a participação de diferentes áreas nos congressos específicos e nas publicações especializadas, a existência de grupos de pesquisa totalmente voltados a produção de conhecimento no campo e a representatividade das associações reconhecidas. Por fim, essa pesquisa procurou atualizar o mapeamento do campo e evidenciar suas interfaces visando compreender as forças que atuam na visibilidade e força da área.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento. Lazer. Interdisciplinaridade. Associação científica.

BRAZILIAN RESEARCH GROUPS IN THE FIELD OF LEISURE STUDIES IN BRAZIL: PRODUCTION, CIRCULATION AND INTERDISCIPLINARY CHALLENGES

ABSTRACT: Leisure Studies have established themselves as a powerful interdisciplinary field for understanding social dynamics. This research mapped research groups affiliated with CNPq that interface with the area, investigating relationships between production, circulation, and group involvement from an interdisciplinary perspective, as well as the importance and representativeness of their association, ANPEL, among others. Using a qualitative and quantitative approach, an online questionnaire was applied to the identified groups. The analyses revealed strengths and challenges, such as the need to strengthen participation from diverse fields

¹ Agradeço à Prof^a Dr^a Raquel da Silveira (UFRGS) pela leitura e comentários realizados para a versão final deste artigo.

² Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG); Docente da EEEFTO/UFMG. Presidente da ANPEL (Gestão 2023/2024).

in specialized conferences and publications, the existence of research groups fully dedicated to knowledge production in the field, and the representativeness of recognized associations. Ultimately, this study aimed to update the mapping of the field and highlight its interfaces in order to understand the forces that influence the visibility and strength of the area.

KEYWORDS: Knowledge production. Leisure. Interdisciplinarity. Scientific association.

Panorama do Estudo

É possível afirmar que o campo dos estudos do lazer tem avançado significativamente ao longo das últimas décadas consolidando-se como uma área interdisciplinar potente para compreender dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas que envolvam o lazer em suas relações com outras dimensões da vida cotidiana.

Parte-se da premissa que o lazer, enquanto fenômeno sociocultural, ultrapassa a mera ideia de descanso ou entretenimento, podendo ser vislumbrado como experiência, fruição, resistência, diversão, direito, consumo, controle, subversão ou mesmo um tempo/espço que o sujeito utiliza para si mesmo. Compreende-se que o amplo espectro que o lazer pode ser reconhecido, contribui para que diferentes pesquisadores/as nas mais variadas áreas acadêmicas-científicas dediquem seus esforços a investigar o lazer em suas interfaces, seja com a inclusão social, a saúde física e mental, as políticas públicas, as questões de gênero, as tecnologias, a sustentabilidade, o turismo, a qualidade de vida, o espaço urbano, a mercantilização etc., pois a complexidade das relações apontadas em sua dinâmica social necessita integrar, cada vez mais, conhecimentos, métodos e perspectivas de diferentes campos em busca da compreensão ou resolução de suas questões.

Reconhecendo a relevância crescente dessa área de estudos e impulsionados por uma trajetória de contribuição teórica e prática no campo, um grupo de pesquisadores com atuação consolidada e reconhecida decidiu fundar, em 2013, a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer –ANPEL, durante o XIV Seminário “O Lazer em Debate” sediado na Unicamp/SP³. Essa iniciativa surgiu do compromisso desses profissionais em fortalecer e ampliar os horizontes de pesquisa nacional e internacionalmente bem como congregar diferentes pesquisadores/as dos mais diversos campos de conhecimento em uma associação.

Como objetivo, a ANPEL, idealizava estimular a participação da comunidade nas políticas nacionais vinculadas à sua área de formação e atuação, bem como representar seus associados perante órgãos públicos e privados, especialmente junto às agências nacionais e estaduais de coordenação e fomento à pós-graduação e à pesquisa, fortalecendo a interlocução institucional. Nesse período, já era premente o anseio e a necessidade de fazer com que o lazer, enquanto fenômeno social, ganhasse autonomia se desvinculando do binômio “esporte e lazer” que tanto se faz presente, ainda hoje, nas políticas públicas nacionais e acaba sufocando e invisibilizando o lazer como um direito social, corroborando Isayama e Ungheri (2019).

Passaram-se 12 anos da constituição da ANPEL. Foram seis gestões com pesquisadores/as de todas as regiões do país a conduzir uma associação que busca, em sua diversidade, ampliar e reverberar as discussões do campo em todo território nacional. Objetivando aumentar a participação dos/as pesquisadores/as e promover maior equidade entre a divulgação e troca de conhecimentos produzidos pelas pesquisas em todo território nacional, a ANPEL passa a realizar um congresso nacional a cada

³ Até essa data o Seminário “O Lazer em Debate”, referência desse coletivo de pesquisadores, era o espaço de encontro, troca de saberes e compartilhamento de pesquisas do campo.

dois anos, que circula por todas as regiões do país - o CBEL (Congresso Brasileiro em Estudos do Lazer)⁴ e cria em 2014 um periódico especializado na temática - a RBEL (Revista Brasileira em Estudos do Lazer), passando a editoração ser de sua responsabilidade com publicação quadrimestral até o presente momento.

Apesar dos esforços empreendidos para articular o campo dos Estudos do Lazer e reunir seus/suas pesquisadores/as, observa-se que inúmeras produções científicas vêm sendo desenvolvidas em diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo conexões significativas com o lazer a partir de abordagens disciplinares transversais. Esse cenário revela a complexidade e a fluidez das fronteiras epistemológicas que caracterizam o campo, evidenciando a necessidade de ampliar o mapeamento e a compreensão das interfaces teóricas e metodológicas em que tais produções se inserem. Nesse contexto, a presente pesquisa emerge do interesse em identificar e analisar de forma horizontal e integrada por quais caminhos as investigações sobre o lazer tem se desenvolvido.

Vislumbrou-se como importante referência para reconhecimento da produção desse conhecimento científico os grupos de pesquisa, pois, afinal, são eles que desempenham um papel fundamental promovendo a colaboração entre pesquisadores/as, estimulando a inovação e possibilitando a troca de experiências e metodologias. Portanto, mapear, investigar e conhecer onde as produções científicas com interface com o lazer estão sendo desenvolvidas, bem como em quais espaços as discussões do campo se ampliam, tornou-se relevante.

Deste modo, esta pesquisa explorou a rede científica com interface com o campo dos estudos do lazer no Brasil, a partir do mapeamento e análise dos dados dos grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

⁴ 1º CBEL – BH/MG (2014); 2º CBEL-Belém/PA (2016); 3º CBEL- Campo Grande/MS (2018); 4º CBEL - POA/RS (2021- online); 5º CBEL- Fortaleza/CE (2022); 6º CBEL- SP/SP (2024) e a devir 7º CBEL - Salvador/BA (2026).

Tecnológico (CNPq) que declaravam desenvolver pesquisas na área. Nesse contexto, os objetivos consistiram em identificar as áreas de pesquisa que os grupos estão vinculados, compreender se há interdisciplinaridade presente nas temáticas e áreas de atuação, verificar se a produção acadêmica é publicada em periódicos especializados, saber se essa produção científica é compartilhada nos eventos da área e refletir sobre em que medida há importância e representatividade da ANPEL e de outras associações científicas para os pesquisadores/as e grupo de pesquisa. Esses questionamentos foram cruciais para entender não apenas a produção científica na área, mas também os desafios e potencialidades que o campo enfrenta em sua consolidação e representatividade.

Metodologia

Essa pesquisa foi realizada com abordagem quali/quantitativa. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de relacionar tanto os dados objetivos quanto os dados subjetivos cooptados pela pesquisa para compreender o campo. É factível afirmar que a opção pela utilização de metodologias qualitativa e quantitativa não são vistas como excludentes e sim como complementares (Demo, 2000), pois permitiu uma análise mais ampla e aprofundada das relações entre os dados numéricos e as interpretações construídas a partir das experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, captando, assim, nuances e dinâmicas que não seriam reveladas por abordagens isoladas.

Como caminho para alcançar o mapeamento nacional primeiro realizou-se uma busca no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP)⁵ concebido pelo CNPq identificando os grupos que em suas ementas, linhas de pesquisa ou nome do grupo tivessem alguma

⁵ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>.

referência ao campo de Estudos do Lazer. Utilizou-se os vocábulos “lazer” e “ócio” para a busca. Encontrou-se 195 grupos sendo apenas 2 com o termo ócio. Dados como: nome do grupo, quem coordena, e-mail para contato, universidade vinculada e tempo de existência, foram organizados em uma planilha Excel.

Após a coleta e organização dessas informações, foi enviado, via e-mail, um questionário *on-line* (*google forms*) para todos os grupos de pesquisa identificados. O questionário foi composto por 21 perguntas que incluíam tanto questões objetivas quanto subjetivas sendo 5 delas em Escalas de Likert. Abordava-se temas variados como: área de produção de pesquisa, tempo de aproximação com o campo do lazer, publicação e escolha de periódicos, frequência de publicação no campo do lazer, participação em congressos da área, relação com afiliação às associações, entre outros aspectos.

Os envios foram realizados no período entre 22 de maio a 23 de junho de 2023. Foram feitos três envios com intervalo de dez dias entre eles. Procurou-se reenviar apenas aos grupos que não haviam respondido ao primeiro envio, objetivando garantir maior taxa de resposta. Finalizou-se os envios com 30 dias e o aceite de retorno em 47 dias.

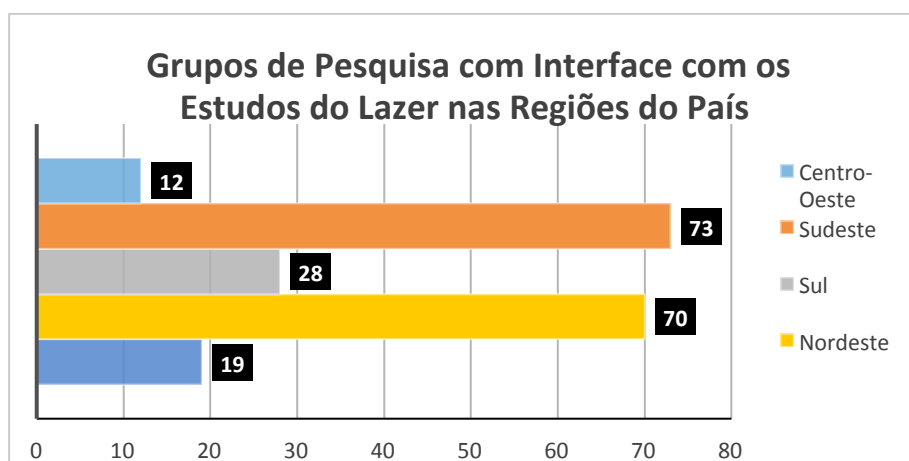
Para as análises quantitativas utilizou-se a análise descritiva resumizando os dados com medidas capazes de descrever as características dos grupos de pesquisas, criou-se gráficos e quadros para facilitar a comunicação dos resultados. E para as análises qualitativas interpretou-se os dados textuais a partir da análise temática buscando compreender as experiências e perspectivas dos participantes.

Expansão das Universidades, Grupos de Pesquisa e a Produção do Conhecimento

Investigar se existe relação entre a expansão de universidades federais e estaduais, principalmente a partir dos anos 2000, com a criação de grupos de pesquisa e a produção do conhecimento no país, tornou-se caro à pesquisa para a compreensão do papel das macropolíticas educacionais e sua influência na produção do conhecimento.

Na perspectiva de conhecer quantos grupos de pesquisa atuam na área do lazer e como sua distribuição está configurada nas regiões do país, foi desenvolvido o gráfico 1:

Gráfico 1: Grupos de Pesquisa com Interface com os Estudos do Lazer nas regiões do país

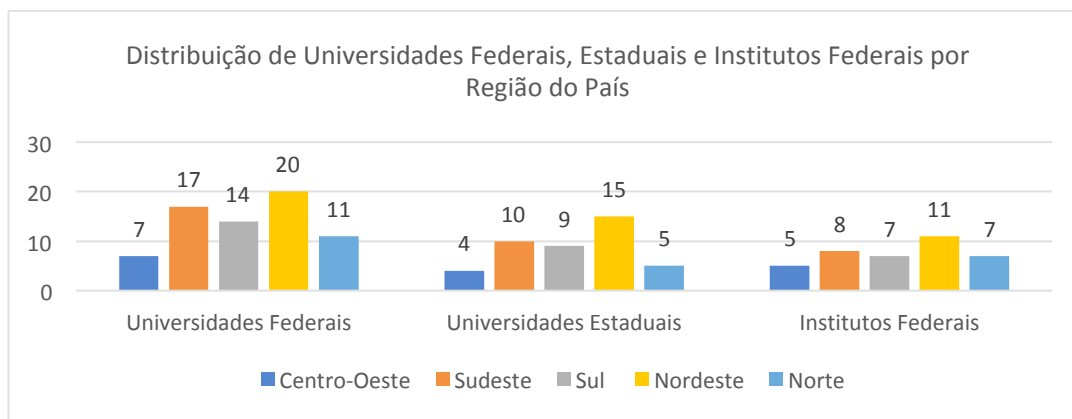


Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq
Elaboração: pesquisadora

Verificar a distribuição geográfica dos grupos de pesquisa por regiões do país constitui um aspecto relevante para analisar se existe concentração na produtividade acadêmica-científica da área, bem como para alertar sobre uma possível necessidade de fomentar a equidade entre as regiões. Ao observar o gráfico 1, nota-se que a região Sudeste e Nordeste concentram um número significativamente maior desses grupos, o que pode refletir disparidades no acesso a recursos, redes de pesquisa e incentivo à produção científica.

Essa concentração guarda estreita relação com a presença institucional de Universidades Federais e Estaduais e Institutos Federais, conforme evidenciado no gráfico 2.

Gráfico 2: Distribuição de Universidades Federais, Estaduais e Institutos Federais por Região do País



Fonte: Dados Abertos do MEC
Elaboração: pesquisadora

As regiões que abrigam maior número dessas instituições tendem a desenvolver maior atividade acadêmica organizada em grupos de pesquisa. Tal correlação sugere que a infraestrutura educacional é um fator determinante na distribuição da produção científica nacional. De fato, as duas regiões com mais instituições públicas – Nordeste e Sudeste- são as que possuem o maior índice de grupos de pesquisa ligados ao lazer.

Após a apresentação dos dados nacionais o foco da pesquisa, nesse subtópico, recai sobre as questões específicas da área. Como já sinalizado, encontrou-se no DGP do CNPq 195 grupos com alguma intersecção com o lazer. Todos foram convidados a participar da pesquisa. Entretanto, o questionário foi respondido por 59 grupos, o que significa 30,3% de taxa de retorno. Desse total, cinco grupos responderam que não desenvolviam pesquisas no campo e não seguiriam respondendo. Portanto, 54 respostas foram analisadas.

Ao se analisar a taxa de retorno da pesquisa alguns questionamentos podem ser feitos: Será que os grupos que não responderam não se sentem pertencentes a esse coletivo? O e-mail e os dados cadastrados no DGP estão atualizados? Como o interesse em colaborar com pesquisas se materializa pela temática pesquisada? Não foi possível identificar respostas para esses questionamentos, entretanto, os retornos dos 5 grupos que não realizam pesquisa no campo bem como os 54 grupos que se dispuseram a responder, sinalizaram respeito com a área bem como permitiram atualizar a compreensão do campo. A vocês meu respeito acadêmico e muito obrigada.

Para melhor visualização e análise do exposto até o momento, criou-se a tabela 1:

Tabela 2: Relação entre instituições, grupos cadastrados e taxa de retorno⁶

Região	UF	UE	IF	Total	Grupos cadastrados	Respostas	Taxa retorno
Centro –oeste	7	4	5	16	12	1	08,33%
Sudeste	17	10	8	38	73	21	28,77%
Sul	14	9	7	32	28	9	32,14%
Nordeste	20	15	11	47	70	19	27,14%
Norte	11	5	7	23	19	5	26,32%
Total	69	43	38			55*	

Fonte: Dados coletados para essa pesquisa nos portais:(MEC; E-MEC; ANDIFES; DGP/CNPq

*Esse somatório aparece com 1 grupo a mais do que os respondentes da pesquisa, pois um dos grupos possui vínculo em duas universidades. Para as outras análises computou-se como 1 grupo.

Embora os resultados ainda indiquem uma significativa concentração espacial na produção científica da área, é possível afirmar que ao longo do tempo, principalmente pela ampliação do número de Instituições Públicas no país, houve um processo de

⁶ Uma primeira observação que deve ser salientada para a tabela apresentada é que 6 grupos do total de respondentes são vinculados as Universidades Particulares. Desses grupos, 3 se localizam no Sudeste, 2 no Sul e 1 no Nordeste. Outra questão se refere ao número exato das instituições. Encontrou-se alguma divergência numérica entre as fontes pesquisadas. Atribui-se esse fato a contagem que em alguns casos incluem os diferentes Campis e em outras não.

descentralização espacial na produção científica e o aumento significativo de grupos de pesquisa no país que passaram a se interessar pelo campo de Estudos do Lazer, o que será evidenciado nos próximos gráficos 3 e 4⁷.

Esse processo de crescimento, como sinalizam Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2016) na pesquisa: “A ciência nas regiões brasileiras”, pode estar relacionado à expansão das redes de colaboração com uma maior participação de autores de regiões historicamente menos representadas, embora seu impacto e alcance ainda possam variar conforme o contexto e as particularidades de cada área do conhecimento.

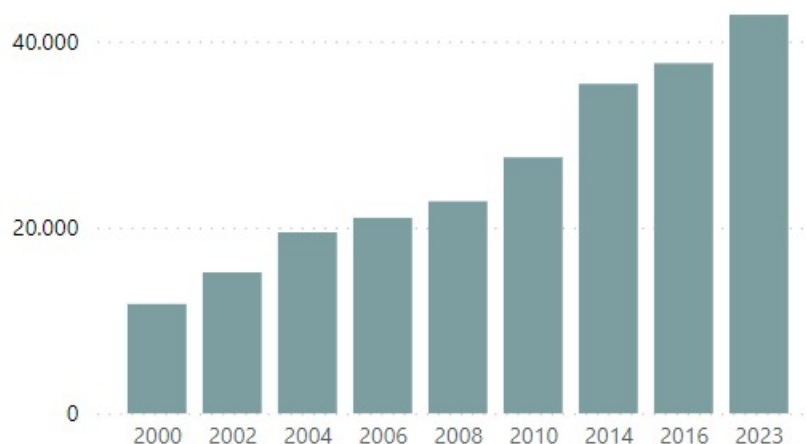
Dando sequência a essa linha de raciocínio, a constatação do significativo aumento no número de grupos de pesquisas a produzir conhecimentos no campo dos Estudos do Lazer, pôde ser averiguado a partir das respostas a pergunta “Há quanto tempo seu grupo de pesquisa se aproximou do campo de Estudos do Lazer?” As respostas revelaram a seguinte configuração que pode ser visualizada a partir do gráfico 4: Dos 54 grupos respondentes 16 grupos desenvolvem pesquisa na área há mais de 15 anos. 7 grupos pesquisam entre 10 a 15 anos. 15 grupos se aproximaram do campo entre 6 a 10 anos. 9 grupos entre 3 e 5 anos e entre os anos 2023 e 2024, 7 grupos passaram a pesquisar nesse campo de estudos. Desses dados registrados vale ressaltar que apenas 4 grupos já existiam antes do ano 2000 ratificando o processo de crescimento de grupos de pesquisa e de investigações na área nas últimas duas décadas. É importante notar que a linha de tendência continua em ascensão, demonstrando o crescimento paulatino, pois nos últimos 2 anos, 7 novos grupos se aproximaram do campo desenvolvendo pesquisas.

⁷ Segundo a ANDIFES ao todo, são 69 universidades federais no Brasil, sendo que 20 delas foram fundadas nos últimos 25 anos, período que ficou marcado por maiores investimentos no ensino superior e em iniciativas de democratização de acesso à universidade pública, como o próprio SISU. Para maiores informações: <https://www.andifes.org.br/2025/01/16/brasil-tem-69-universidades-federais-conheca-cada-uma/>

Esses dados analisados permitem afirmar que o lazer, enquanto fenômeno social, ganha relevância e protagonismo para a compreensão da sociedade no século XXI, tornando-se uma temática importante nas pautas científicas, principalmente na área das ciências sociais e humanas.

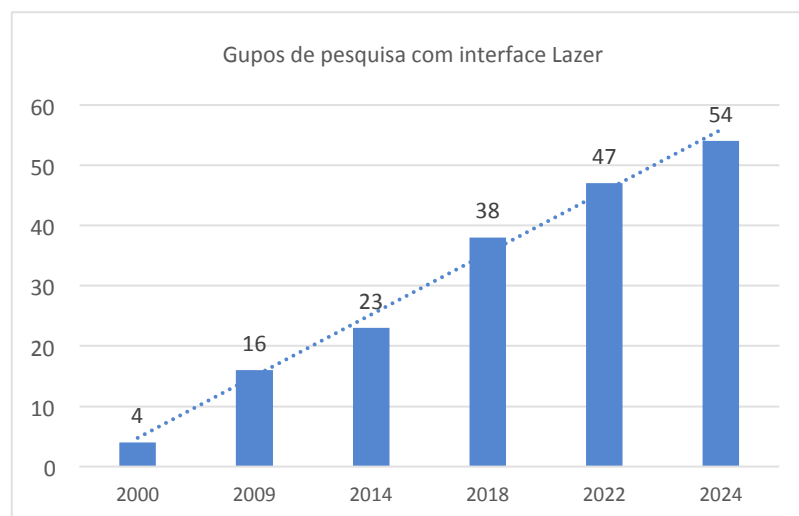
Gráfico 3: Grupos de pesquisa no Brasil

Número de grupos de Pesquisa no Brasil - 2000-2023.



Fonte: DGP/ CNPq 2025

Gráfico 4: grupo de pesquisa com interface com o lazer



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa corroboram as informações contidas no Ipea 2024, na Nota Técnica nº136 da Diset (Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura), evidenciando um crescimento expressivo no número de instituições de pesquisas registradas no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP)⁸. Entre os anos 2000 e 2023, esse número passou de 224 para 578, representando um aumento superior a 160%. Concomitantemente, observa-se uma expansão significativa no volume de grupos de pesquisa, que saltou de 11.760 em 2020 para 42.852 em 2023 - um incremento de 264% (IPEA, 2024, p.7). Esse crescimento também se reflete na área de produção das humanidades, como destacado no referido documento:

⁸ Essas instituições, em sua maioria, incluem universidades (federais, estaduais, municipais ou privadas); instituições de ensino superior não universitárias (públicas ou privadas), podendo ser centros universitários, faculdades integradas, faculdades isoladas, institutos e escolas que possuem pelo menos um curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado, doutorado e mestrado profissional) reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); institutos públicos de pesquisa científica; institutos tecnológicos públicos, centros federais de educação tecnológica e institutos federais de educação tecnológica; laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas; demais instituições, públicas ou privadas, que executam atividade permanente de pesquisa em ciência, tecnologia e inovação (CT&I), prevista em seus estatutos (IPEA, 2024, p.6).

Em termos de proporção, houve mudanças na composição dos grupos por área do conhecimento: se em 2000 as ciências duras e ciências da vida representavam 31% e 42%, respectivamente, em 2023, passaram a constituir 20% e 31%, ao passo que as humanidades passaram de 27% para 48% no mesmo período (Chiarini; Rapini e Santos, p. 17, 2024).

Como fato que corrobora com o crescimento da área no século XXI, é interessante notar que muitos grupos se aproximam do campo dos Estudos do Lazer por sua capilaridade transversal e não em sua gênese, pois a maioria deles tem um tempo de existência superior ao período de sua aproximação com o campo. Foi possível constatar que apenas 12 grupos foram criados e pesquisam especificamente nessa área, o que reforça a análise anterior sobre a franca expansão da compreensão do lazer como fenômeno social contemporâneo multifacetado, atraindo grupos por diferentes perspectivas que veem na área um espaço relevante para diálogo e investigação.

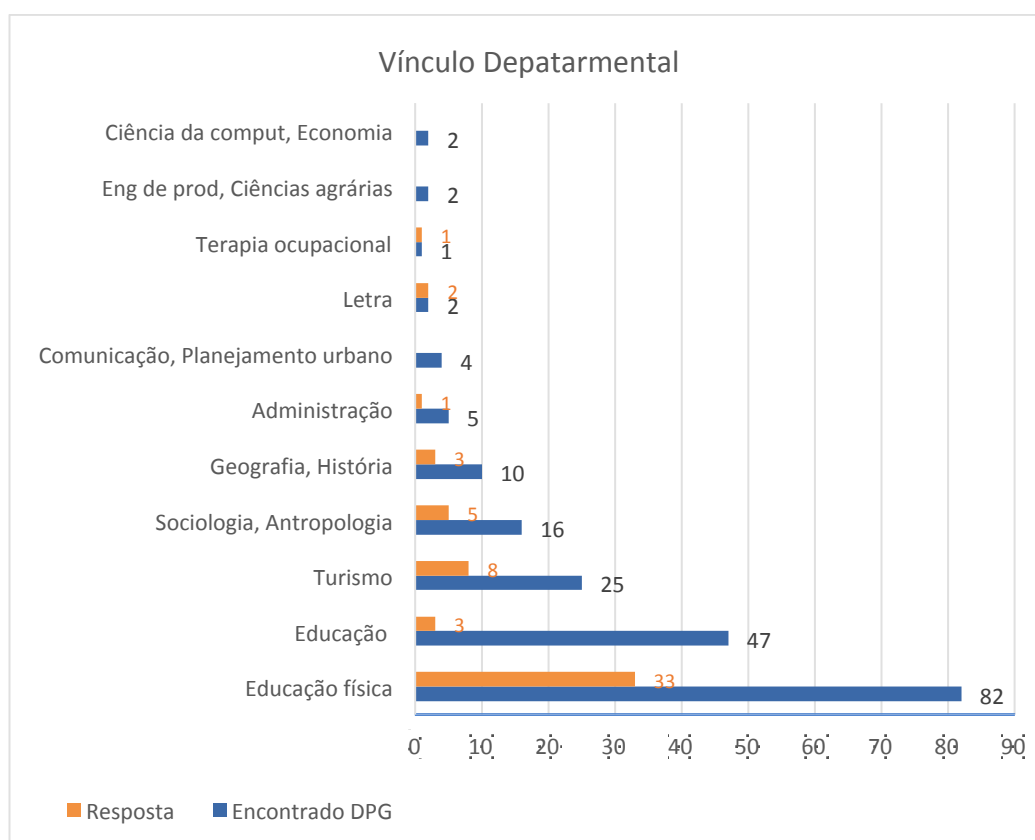
Na análise dos dados para que se possa argumentar sobre a possível multidisciplinaridade do campo, apresenta-se outra questão cara para essa pesquisa: a relação entre os grupos de pesquisa com interface na área de lazer e os departamentos ou áreas aos quais esses grupos estão vinculados. Estabelecer esta relação mapeando os departamentos ou áreas envolvidas foi essencial para a certificação dos Estudos do Lazer como um campo interdisciplinar cuja abordagem dos problemas que emergem no mundo contemporâneo possui variados níveis de complexidade, ou seja, é possível analisar o fenômeno em diferentes camadas.

Essa afirmação possui consonância com o entendimento da CAPES sobre a constituição da área interdisciplinar. Pois, devido à sua natureza transversal, espera-se que a produção de conhecimento na área interdisciplinar possa

avançar além das fronteiras disciplinares, articulando, transpondo e gerando conceitos, teorias e métodos, ultrapassando os limites do conhecimento disciplinar e dele se distinguindo, por estabelecer pontes entre diferentes níveis de realidade, lógicas e formas de produção do conhecimento” (CAPES, 2019, p.12).

Para que o campo siga avançando é fundamental que existam diálogos entre as áreas que produzem conhecimento no campo. No gráfico 5 é possível visualizar os grupos em seus vínculos departamentais, quantificando a partir do total de grupos encontrado (DGP) e do respondido (pesquisa) as equivalências.

Gráfico 5: Vínculo departamental dos grupos de pesquisa com interface com o Lazer⁹ e os respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Baseado nos dados do gráfico apresentado é possível afirmar que no Brasil, o campo de Estudos do Lazer possui um forte processo histórico constituído ao longo do tempo pelo campo da Educação Física e da Educação, e esse fato, em alguma medida, produz tensões no próprio campo. Uma pequena digressão se faz necessária para esse

⁹ Uma observação deve ser feita. Nesse gráfico pode haver pequena variação do respondido para o alocado, pois alguns poucos grupos não responderam em qual departamento estavam vinculados e sim em que área. Isso fez com que a pesquisadora voltasse ao DGP e busca-se o vínculo departamental ou sua aproximação (três casos especificamente).

entendimento e para talvez explicar, se é que é necessário, que a maioria dos grupos de pesquisa do campo dos Estudos do Lazer está ligada aos departamentos de Educação Física. Nesse intuito, no próximo tópico algumas considerações serão realizadas a respeito da construção do campo e alguns de seus reflexos.

Rastros do Processo Histórico para a Constituição de um Campo

A formação de um campo de estudos é um processo dinâmico e multifatorial. Longe de tentar definir algum processo histórico como a única verdade, pretende-se aqui levantar questões que ajudem a pensar nas correlações de forças que se mobilizaram e se mobilizam para conforme aponta Bourdieu (1983) criar um espaço social relativamente autônomo (campo científico), no qual seus agentes disputam um capital específico, seja científico, cultural, simbólico etc.

Ao verificarmos os números de grupos de pesquisa que assumem de forma assertiva sua relação com o campo dos Estudos do Lazer salta aos olhos os ligados à Educação Física e em seguida ao campo da Educação. É premente compreender que no Brasil a perspectiva para atuação, formação e pesquisa advindas das práticas recreativas, das práticas educacionais, dos esportes, das colônias de férias, dos acampamentos e de toda sorte de atividades relacionadas à recreação se apresentam como um primeiro arcabouço para a constituição do campo do lazer. Entretanto, desde meados do século XX a dimensão sociológica do lazer era pungente e já questionava sua compreensão como simples realização de tarefas, atividades ou organizações estruturadas para a diversão. Contudo, não se pode deixar de pontuar que a preocupação com o lazer enquanto tempo livre (um problema social advindo do processo de luta contra o excesso de tempo com o trabalho) e dos espaços para sua realização, já estavam presentes nos

discursos de engenheiros e médicos sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas no início do século XX, em um país com pretensões modernas como o Brasil (Melo, 2001). O que se percebe é que um campo de estudos nasce quando questões sociais ganham destaque e passam a exigir investigações sistemáticas.

A educação e a recreação já se aproximavam na primeira metade do século XX pela dimensão social, Gomes e Melo (2003) e Gomes (2015) afirmam que a recreação desenvolvida em diferentes períodos da vida, na infância, na adolescência e na idade adulta tinham objetivos específicos como “aliviar problemas, salvar males sociais como ociosidade e delinquência [e] poderiam ser alcançadas por meio da realização de práticas culturais com finalidades educativas” (Gomes, 2015, p. 140). Na pesquisa sobre os discursos da recreação realizada por Serejo e Isayama (2019), a recreação já se preocupava com sua relação com a “ação social humana” o que pode ser observado nos planos de ensino da disciplina recreação de 1968 do curso de Educação Física da então Escola de Educação Física/MG. Como objetivos da disciplina tem-se:

Indicar meios e processos construtivos de como analisar, discutir e discernir sobre determinado tema recreativo, [...]. Alertar as alunas sobre a importância atual da recreação em qualquer situação de vida em que se encontre o ser humano[...]. Focalizar o valor da recreação, especificamente, na rua, na escola e no lar (CEMEF, 1968, p. 1).

Outra questão que também pode ser relacionada com o processo de construção do campo de estudos é o caminho de transformação da compreensão dessas possíveis práticas instrumentalistas para dinâmicas mais reflexivas. Entretanto essa reflexão não tira a perspectiva de controle social e de caráter formativo que existia, pois como afirma Brêtas (2007) as atividades recreativas e de lazer se constituíam entre a dualidade das boas ou más práticas com explícitas intenções de formar sujeitos valorosos socialmente e afastá-los das práticas nocivas como jogos de azar, bebidas alcoólicas, prostituição ou do próprio ócio. Corroborando nessa mesma linha de pensamento Gomes e Melo (2003)

apontam a partir do pensamento de Miranda (1984) que a recreação se aproximava da temática sociológica a partir da compreensão do seu “novo” sentido, seja social ou político, mas benéfico à coletividade e útil à sociedade em “uma perspectiva de ajustamento e não de questionamento dos valores presentes nessa coletividade” (Gomes e Melo, 2003).

Um salto temporal, nesse momento, se mostra oportuno já que não é interesse primário dessa pesquisa a constituição do campo, entretanto seus meandros na formação ajudam a compreender sua atual constituição interdisciplinar.

Durante esse processo, o caminho dos Estudos do Lazer como uma perspectiva crítica a ordem vigente ganha relevância e cresce na constituição do campo a partir do final da década de 1980 e início da década de 1990. Um fato que não se pode deixar de lado é a configuração do Lazer como um Direito Social promulgado na Constituição Federal Brasileira de 1988.

A partir desta década, os embates teóricos no campo do lazer intensificaram-se, acompanhados pelo crescimento do número de pesquisadores e pela ampliação das produções científicas, além do interesse crescente de outras áreas que passam a dialogar com esse campo (Turismo, Antropologia, Administração, Letras, História, Geografia, Marketing, Economia, Terapia Ocupacional, Políticas Públicas, Sociologia etc.). Conforme apontam Gomes e Melo (2003) e Peixoto (2007), o avanço tecnológico e a consolidação de uma possível “nova ordem social” centrada no consumo impulsionam a expansão da indústria do lazer e do entretenimento, promovendo uma leitura do lazer como mercadoria e prática consumista. No entanto, essa perspectiva não se estabelece sem resistência: há correntes teóricas que problematizam essa lógica mercantil, defendendo o lazer como espaço de expressão subjetiva, de vivência autêntica,

inclusiva, democrática e de construção de sentidos que transcendem o consumo. Assim, o campo foi se configurando como um terreno de disputas conceituais. Essa diversidade confere riqueza às perspectivas e análises, ao revelar que o lazer pode ser tanto capturado pelas dinâmicas mercadológicas quanto reivindicado como prática emancipadora.

Considerando esses argumentos para a constituição do caráter interdisciplinar do campo de Estudos do Lazer e analisando os dados desta pesquisa, é possível afirmar que, entre os 33 grupos de pesquisa vinculados à área da Educação Física (dos 54 que responderam à pesquisa), a maioria investiga o fenômeno lazer a partir de referenciais teóricos próprios das ciências humanas e sociais. Essa predominância revela uma compreensão do lazer como fenômeno cultural, social e subjetivo, evidenciando que dentro do campo da Educação Física, muitos grupos se afastam de abordagens estritamente biologicistas, que historicamente marcam o campo reafirmando o potencial da área em dialogar com as humanidades, valorizando sentidos e práticas que emergem dos contextos sociais e culturais conforme sinalizam em suas pesquisas Rigo, Ribeiro e Hallal (2011) e Silveira (2016).

Outro dado que chama a atenção na pesquisa é que dos 25 grupos vinculados ao Turismo apenas oito responderam à pesquisa. Como apresentam as pesquisadoras Orduna e Urpí (2010, p.1): “Posiblemente el turismo es una de las pocas actividades humanas que encierra la ambivalência de ser a la vez, negocio y ocio”. Com essa afirmativa as autoras destacam a perspectiva do turismo não apenas como parte do setor produtivo, mas como possibilidade de experiência de lazer, salientando que o turismo está diretamente envolvido com a cultura. Na mesma direção, em um artigo recente, Gomes (2025) preocupada com certo distanciamento entre as áreas Lazer e Turismo,

discute a relação entre ambas sob a perspectiva dos direitos humanos. Nesse contexto, a autora argumenta sobre a necessidade de o campo do turismo assumir o lazer como fundamento para o direito ao turismo. Essa articulação entre lazer e turismo, para a autora, é vista como relevante para garantir experiências que promovam bem-estar, inclusão e desenvolvimento humano, afastando o olhar para o turismo apenas restrito a grupos privilegiados.

Mesmo reconhecendo a intrínseca relação entre lazer e educação, já apontada neste texto desde os primórdios da constituição do campo, a pesquisa foi surpreendida em receber apenas 3 retornos de grupos vinculados a educação, sendo que 47 grupos estão cadastrados no DGP com esta interface. Essa questão aponta para a necessidade de se buscar aproximação com esse campo na intenção de compreender essa discrepância nos números.

Na intenção de encontrar as intersecções epistemológicas mapeou-se as interfaces que os grupos de pesquisa afirmam investigar com o lazer. Para tanto, criou-se categorias, não para fechá-las em determinado campo, mas para ajudar a alocar em perspectivas epistemológicas próximas facilitando assim a visualização geral no quadro 1:

Quadro 1: Interfaces de pesquisas com o Lazer apontadas pelos grupos de pesquisas

Ciências Humanas e Sociais	Educação Física, Saúde e Corpo	Políticas Públicas, Gestão e Administração	Turismo, Natureza e Sustentabilidade	Comunicação, Cultura e Artes
Sociologia: do Esporte e do Lazer, da Cultura, da Educação,	Esporte, Esporte e Lazer; Esporte, Lazer e Comunicação	Política Pública e Gestão, Espacialidades, Recreação, Bioma Amazônico	Turismo, Hospitalidade, Trabalho no Turismo	Estudos da Linguagem, Estudos Literários, Estudos Culturais, Literatura e Memória, Artes
Antropologia	Educação Física e Educação	Políticas de Esporte e Lazer: Diagnósticos	Ecoturismo	Lazer e comunicação
História, História da	Saúde Exercício Físico,	Gestão Esportiva	Turismo Urbano, Paradiplomacia	Produção de conhecimento no

Educação, História do Esporte e do Lazer	Motivação na Atividade Física		das Cidades	Lazer
Estudos Rurais	Práticas corporais, processos educativos	Estratégias, Controle de Gestão, Gestão de Custos	Atividade de Aventura, Sustentabilidade	Audiovisual, Mídia
Culturas e Modos de Vida	Memória da Educação Física, Esporte e Lazer	Governança, Administração, Contábeis	Meio Ambiente	Indústria Cultural
Juventudes, Minorias Sociais, Grupos Étnicos, Gênero	Paratletismo, PCD, Tecnologia Assistiva, Desenvolvimento de Tecnologias Desportivas	Formação e Atuação Profissional em Lazer		Lazer e Trabalho, Lazer e Consumo
Formas de Religiosidade	Cultura Corporal	Economia Doméstica		Gastronomia
Educação e Sociedade	Olimpismo	Empreendedorismo		Narrativas, Storytelling
Estudos da Ocupação	Consumo de Drogas	Trilhas interpretativas		
Currículo e Formação de Professores		Ambientes construídos		

Fonte: Dados da pesquisa

No quadro 1 pode-se observar diferentes perspectivas utilizadas para investigação do lazer. A diversidade das facetas apontadas demonstra a potência interdisciplinar do campo e dá pistas para as possíveis redes colaborativas de investigação.

No próximo tópico, traz-se à tona questões que podem ajudar a justificar a presença, ou não, de diferentes áreas com maior efetividade no campo, apresentando as análises sobre como e por onde o conhecimento produzido sobre lazer circula.

A Importância das Publicações Científicas e a Escolha dos Periódicos: O que Pensam os Grupos de Pesquisa

O avanço da ciência acontece sobremaneira pelo diálogo e trocas entre pesquisadores/as. A produção e a divulgação do conhecimento científico constituem pilares fundamentais para o desenvolvimento intelectual, social e tecnológico da humanidade. Dentre as diversas possibilidades disponíveis para esse fim, a publicação de artigos científicos em periódicos especializados se destaca como o principal canal de disseminação dos resultados de pesquisa. É a perspectiva de registrar, validar e compartilhar os resultados das investigações que propicia a alimentação e a retroalimentação do ciclo contínuo de produção, discussão e avanço do conhecimento. Nesse sentido, a publicação não é a etapa final de um processo de pesquisa, mas uma parte essencial para o desenvolvimento científico.

Outra questão que emerge dessa prática é que, ao divulgar os resultados das pesquisas, propicia-se o fortalecimento de redes colaborativas e o avanço do saber acadêmico, pois a cada novo resultado ou mesmo diferentes entendimentos ou pontos de vistas, esse feito pode gerar discordância entre concepções e conceitos, movimentando e inquietando os estudiosos do assunto, ou mesmo produzindo um avanço cumulativo do conhecimento. O que se observa no campo em relação, por exemplo, ao conceito de lazer ou mesmo sobre a temporalidade de sua existência. O fato é que ao submeter seus resultados à avaliação da revisão cega por pares (crivo que muitos periódicos utilizam), o/a pesquisador/a insere sua produção à apreciação crítica de especialistas. Tal processo rigoroso, assegura a integridade e a relevância do conteúdo publicado, promovendo um ambiente de confiabilidade e robustez na construção do conhecimento. Ademais, a publicação em periódicos de referência representa, para o/a pesquisador/a, um

instrumento estratégico de visibilidade, reconhecimento e impacto, influenciando diretamente sua trajetória acadêmica e sua inserção em comunidades científicas.

Entretanto, a escolha em qual periódico a pesquisa será publicada está diretamente relacionada as estratégias de interesses pessoais e acadêmico-científicos que apresentam diferentes variáveis. Tal decisão pode envolver considerações sobre: o escopo temático do periódico, sua reputação (muitas vezes medida pelo fator de impacto ou por indexações em bases reconhecidas), o público-alvo e as políticas editoriais (como acesso aberto, tempo médio de avaliação e taxa de rejeição). Em relação ao fator de impacto e as indexações, farei um pequeno parêntese aqui: já se apresenta como crítica recorrente no campo das humanidades a validade e a equidade dos critérios utilizados para a avaliação de periódicos científicos em sistemas nacionais e internacionais de mensuração da produção acadêmica. Dentre os principais modelos criticados, destaca-se o sistema Qualis da CAPES, no Brasil, cuja matriz de avaliação privilegia indicadores bibliométricos consolidados em áreas de alta produtividade e rotatividade, como as ciências biológicas e exatas. Esse modelo, ao ser aplicado indistintamente às diversas áreas do saber, negligencia as especificidades epistemológicas, metodológicas e comunicacionais das Humanidades (Gabardo, Hachem e Hamada, 2018). Sobre esta questão, de (in)certo, tem-se uma nova proposta desta entidade para as avaliações dos artigos no ciclo 2025-2028, que ainda necessita de um olhar atento dos programas de pós-graduação e pesquisadores/as para garantir que a diversidade epistemológica das humanidades seja respeitada e valorizada e os critérios bibliométricos sejam aplicados de forma coerente com a área¹⁰.

¹⁰ A proposta de mudança, em linhas gerais, substitui o sistema Qualis Periódicos (2020/2024) que já foi uma tentativa de minimizar essas desigualdades entre área ampliando os extratos para A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3 e B4 que substituiu o Qualis (2016/2020) que classificava revistas científicas em extratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e C, e - por uma avaliação centrada no artigo e não no periódico onde foi publicado.

No intuito de conhecer como e onde os grupos de pesquisa com interface com o lazer debatem e divulgam os resultados de suas pesquisas, buscou-se analisar os dados a partir de quatro perspectivas: a frequência de desenvolvimento de pesquisas na área, a apresentação de trabalhos em congresso, as publicações em periódico científico da área e os critérios para escolha do periódico para publicação.

Sobre a frequência de realização de pesquisas obteve-se a seguinte configuração: Dos 54 grupos respondentes 14 afirmam realizar pesquisa na área esporadicamente. 29 grupos realizam pesquisa na área equilibrado com outras temáticas e 12 grupos afirmam que todas as suas pesquisas são realizadas no campo dos Estudos do Lazer. Esse dado ratifica um resultado já apresentado anteriormente de que 12 grupos, desde sua gênese, foram criados para pesquisar nesse campo. E muitos grupos que se aproximaram do campo de estudos do lazer seguem pesquisando também em outras áreas.

A apresentação dos resultados de pesquisas em congressos permite a veiculação de conhecimentos, preliminares ou consolidados, aos pares de pesquisadores de diferentes instituições, áreas e níveis de formação, ampliando o diálogo sobre o mesmo antes (ou não) da publicação em periódicos, estimulando o debate crítico e o refinamento teórico e metodológico. Quando a pesquisa está finalizada, essa apresentação contribui para a circulação do conhecimento e divulgação dos resultados. Nesse sentido, é mister afirmar que a escolha de qual congresso o pesquisador apresenta sua pesquisa é um termômetro para a compreensão do campo em suas legitimidades. Para essa análise, a pergunta feita aos grupos de pesquisa foi: Alguma pesquisa com

Crítérios atuais: Indicadores bibliométricos do artigo (Nº de citações, downloads e engajamento); Qualidade do periódico (menor peso). Valorização de acesso aberto e relevância nacional; Análise qualitativa (pertinência do tema, avanço conceitual, contribuição científica). Para maiores informações e análise consultar:
<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/relatorios-tecnicos-dav-e-grupos-de-trabalho/relatorios-de-grupos-de-trabalho-tematicos>.

temática ou interface com o lazer já foi apresentada em congresso? Para essa questão haviam quatro opções de respostas como apresentado no quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Tipo de congresso que apresenta as pesquisas com interface com o lazer

Tipo de congresso	Nº grupos
Congresso específico da área do Lazer	23
Congresso amplo com GTT Lazer	21
Congresso amplo sem GTT Lazer	3
Não apresenta em Congresso de Lazer	7

Fonte: Dados da pesquisa

Dos 54 grupos respondentes apenas 10 grupos não apresentam em congressos que a temática lazer tenha protagonismo. A justificativa para não apresentação das pesquisas com interface com o lazer em congressos da área do lazer foi dada pela escolha de apresentação em congressos da área que o grupo é vinculado ou que julgam mais pertinente ao tema da pesquisa. Com essa resposta tivemos grupos que revelaram que apresentam em congressos de Turismo, Educação, Gestão e Administração, História da Educação, Geografia, Antropologia e Paraatletismo.

Sobre a disseminação do conhecimento produzido a partir da participação em congressos, os números evidenciam que a maioria dos grupos buscam tanto a produção do conhecimento no campo quanto a divulgação entre seus pares, o que é condizente com um campo consolidado. Em relação a publicação em periódicos da área, também é caro para essa pesquisa compreender a credibilidade e relevância desses periódicos para a divulgação do conhecimento. Salienta-se que existem apenas dois periódicos específicos da área no Brasil, a RBEL que é vinculada a ANPEL (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer) com publicações regulares desde

2014 e a Licere que é a revista do PPGIEL (Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer/UFGM) com publicações regulares desde 1998.

Em resposta a indagação se o grupo publica em periódicos específicos da área, tem-se outra representação do engajamento. O quadro 3 apresenta as respostas:

Quadro 3: Grupos que realizam publicação em periódicos especializados da área de Lazer

Revista	Nº grupos
Licere	9
RBEL	2
Licere e RBEL	19
Não Publica	24

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados numéricos possibilitam compreender que muitas pesquisas não são colocadas para discussão e crivo da própria área. Observa-se que 44,44% dos grupos que pesquisam na área preferem não publicar em periódico especializado e 55,56% dos grupos publicam na área. Desses, uma parcela importante, 35,19%, publica nos dois periódicos específicos e apenas 20,37% apresentaram uma preferência por alguma das revistas.

Na intenção de compreender os por quês da escolha de não publicação na área, obteve-se 23 respostas das 24 possíveis. As respostas estão apresentadas no quadro 4.

Quadro 4: Por que não publicam em periódicos especializados da área de Lazer

Desconhece os periódicos	7
Publica na área de vínculo do grupo	7
Exigência de publicar em revista de maior impacto	3

A área do lazer não é prioridade	6
---	----------

Fonte: Dados da pesquisa

Entre os grupos respondentes, observa-se as seguintes informações: Dos 7 grupos que declaram desconhecer os periódicos da área, 2 pertencem à Antropologia, 1 à Sociologia, 2 à Educação Física, 1 à Geografia e 1 ao Turismo. Entre os 3 grupos que buscam publicar em periódicos internacionais e de maior impacto, dois estão vinculados à área da Educação Física e o outro à Educação. Dos 7 grupos que afirmam publicar na área de vínculo, 3 são do Turismo, 1 da Educação e Gestão, 1 da Educação Física, 1 da Saúde e 1 da Antropologia. Já entre os 6 grupos que indicaram não considerar o lazer como área prioritária, optando por publicar em outros periódicos, há 1 grupo das Letras, 1 da Antropologia, 2 do Turismo e 1 da Educação. Há uma lógica comum entre os grupos que publicam na área de vínculo departamental e aqueles que não priorizam o lazer como temática central. O ponto de convergência pode ser lido como desinteresse pela implicação do grupo na área, o que parece um paradoxo, já que pesquisam no campo.

Os dados apontam que, embora os 54 grupos desenvolvam pesquisas relacionadas ao lazer, 23 deles não demonstram interesse para publicação em periódico da área. Isso representa aproximadamente 43% dos respondentes, o que é um número expressivo e aponta para uma possível pulverização entre o campo de pesquisa e os meios de divulgação científica especializados. Para essa parcela significativa dos grupos, o lazer possui interface com suas pesquisas, mas não é tratado como eixo estratégico para publicação. A preferência por periódicos de outras áreas, ou mesmo o desconhecimento dos periódicos específicos de lazer, indica uma possível fragilidade na visibilidade do campo dentro da comunidade científica. Entretanto, quando se apresenta

a necessidade de publicar em periódicos de maior impacto, pode-se cogitar sobre os métodos de avaliação dos PPGs e dos/as pesquisadores/as no âmbito da CAPES, do CNPq e dos próprios PPGS (Silveira, 2016).

Por outro viés de análise é possível conjecturar que apesar de o lazer se configurar como um campo interdisciplinar, muitos grupos ainda adotam lógicas disciplinares nas escolhas de suas publicações. Essa tendência revela certa dificuldade em romper com estruturas acadêmicas tradicionais e conservadoras, nas quais a produção científica ainda se limita e se organiza por áreas específicas. O que corrobora Morin (2001) ao propor a “reforma do pensamento” e a defender a complexidade como princípio epistemológico. O autor critica a compartimentalização do conhecimento e propõe uma abordagem que reconheça a interconexão entre os fenômenos.

Tais resquícios acadêmicos disciplinares, em que pese sua estrutura, também atendem à princípios de produtividade referendado por diferentes órgãos de fomento e avaliação, como mencionado anteriormente, o que em alguma medida, compromete o avanço de uma compreensão mais ampla e integrada do conhecimento e em específico do lazer, restringindo sua potência como campo de articulação entre saberes diversos. Aqui se aponta para a força da lógica produtivista que está posta atualmente.

Ainda sobre a escolha de periódico para publicação, a pesquisa procurou entender quais eram os critérios mais adotados para essa seleção. Pelas Escalas de Likert de 1 a 5, onde 1 é pouca importância e 5 é muito importante encontrou-se a seguinte média para cada quesito:

Quadro 5: Importância de cada critério na escolha do periódico para publicação

Critério	Conceito Capes	Qualidade do Texto	Editorial da revista	Dossiê temático	Ser da área de pesquisa
Média	4,1	4,6	3,7	3,3	4,1

Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar que o critério que mais define a escolha do periódico a ser publicado para os grupos de pesquisa é a qualidade da própria pesquisa, ficando empatados, na sequência, o conceito capes do periódico e ser um periódico da área. Apontado com importância mediana tem-se o editorial da revista e a proposta de ser um dossiê temático. Essas respostas ajudam a compreender que o fato das revistas da área não pertencerem ao extrato A de qualificação Capes, pode ter influência nas escolhas. Entretanto, volta-se a questão que são poucas as revistas ligadas as Ciências Humanas e Sociais que estão no extrato A. Uma solução difícil se os critérios de avaliação não forem repensados.

Nesse ponto é possível reforçar a ideia de que o lazer por sua característica interdisciplinar, deveria atrair abordagens mais integradas no processo de divulgação do conhecimento, consolidando-se como um campo legítimo, dinâmico e contemporâneo na produção científica. E por que não consegue atrair plenamente? Estaria o lazer, ainda, galgando um espaço de reconhecimento entre as ciências? Ou o fenômeno social passa a ter tamanha importância social que atravessa os muros porosos do campo do lazer e passa a ser encarcerado nos campos disciplinares dos grupos de pesquisa que adentram nas investigações? Nesse sentido, procurou-se compreender se os esforços das associações científicas em ampliar a visibilidade do campo, ser um representante legítimo na área e congregar pares, vem apresentando efeitos de robustez.

A Representatividade das Associações Científicas

Refletir sobre o papel que as associações científicas possuem para o campo dos Estudos do Lazer é buscar a compreensão do engajamento científico e político nas formas de representatividade que essas instituições possuem para a área e para aqueles que a constituem.

Destarte, a história da criação das sociedades científicas remete ao século XVII, na Itália, apresentando ser a inspiração para as associações científicas atuais. Siegelman (1998, p. 9/10) aponta que tais coletivos se assemelhavam a “clubes” de discussão que não necessariamente desenvolviam as investigações, mas analisavam e debatiam fenômenos da natureza como o movimento, o calor, o magnetismo, as marés, a ótica, a astronomia, a física etc. Interessante notar o caráter irreverente desse coletivo que já apresentava uma necessidade de afastamento da instituição igreja, como aponta Oliveira (2017, p. 232): “Promovidas por patronos, estas primeiras sociedades funcionavam como lugares de alguma irreverência científica, nalguns casos reunindo-se de modo quase secreto e, por vezes, à revelia das autoridades eclesiásticas.”

Em 1645 a Royal Society of London, como um grupo com interesses comuns, é criada e se diferenciava em sua organização por possuir um sistema de inscrição de membros, um staff com dois funcionários remunerados (algo difícil de encontrar nas associações nacionais atualmente) e uma função social, pois como sugere Siegelman (1998, p.12) esse coletivo formado por filósofos, mercadores, proprietários de terras e aristocratas, se reuniam para jantar ou tomar café antes ou depois das reuniões “para fazer *network* e socializar com os cientistas”.

Não se pode negar que, em alguma medida, essas primeiras sociedades científicas eram formadas pelas elites da época que ansiavam por conhecimentos

desenvolvidos nas universidades e que para isso era necessário a socialização do conhecimento. Entende-se que as primeiras reuniões estavam mais conectadas as ciências naturais e da vida e com o implemento dos círculos culturais iniciavam as perspectivas para o que se tornou o campo das ciências humanas e sociais (Oliveira, 2017).

Importante apontar que o diferencial dessas organizações científicas a partir do século XVII foi a consciência de que a ciência só faria sentido se o conhecimento produzido fosse compartilhado. Nesse sentido, com a invenção da imprensa, “estes grupos patrocinaram a criação das primeiras revistas científicas, bem como de relatórios e outras publicações que teriam, à época, um caráter semelhante ao dos livros de atas dos congressos contemporâneos” (Oliveira, 2017, p. 233).

No século XIX a criação das sociedades científicas se intensificou por áreas mais especializadas com o mesmo intuito de compartilhar ideias e conhecimentos produzidos. No Brasil, tem-se como parte dos primeiros movimentos para essa constituição a criação do Museu Nacional em 1818, que objetivava promover o desenvolvimento científico do país e a Sociedade de Medicina criada em 1828, fundamental para a organização da pesquisa médica no Brasil e consolidação da ciência no país. Já no século XX, com a consolidação e reconhecimento dessas entidades como Instituição sua responsabilidade recaía para, conforme argumenta Gibson (1982, p. 153), “atuarem como um centro de difusão de informação para a comunidade científica”, que apresentava entre outras realizações a distribuição de publicações e trocas entre universidades, bibliotecas e instituições governamentais. Adiciona-se a isso, que papéis e funções relevantes foram agregadas às Associações como a legitimidade de

um campo bem como ter papel importante na definição de políticas públicas (mesmo que isso ainda seja utópico no país).

Como exemplo, temos a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), atualmente a maior associação científica do país, fundada em 1948. Desde sua criação a SBPC carrega um perfil marcante e de luta em defesa da ciência e dos cientistas do país. Pois, criada no pós-guerra, essa associação nasce a partir de um repúdio ao então governador de São Paulo que pretendia reduzir as atividades de pesquisa do Instituto Butantã à produtora de soro antiofídico (Mendes, 2006, p. 147). Tal situação marcou o lugar social das pesquisas, posicionando a Associação – SBPC - como uma comunidade científica em relação a uma política imposta pelo governo (Silva e Olinto, 2023). A SBPC se define, então, como “[...] uma entidade civil, sem fins lucrativos ou posição político-partidária, voltada para a defesa do avanço científico e tecnológico, e do desenvolvimento educacional e cultural do Brasil.”¹¹

Partindo do princípio de que no século XXI as associações científicas seguem na convicção da necessidade de ligação e partilha entre os conhecimentos produzidos, bem como papel de representante nas pautas políticas do país, esta pesquisa procurou identificar os motivos que os grupos de pesquisa e seus coordenadores possuem para estarem associados ou não a alguma Associação Científica e de forma especial a associação específica da área a ANPEL.

A investigação procurou saber se os grupos de pesquisa, a partir de seus responsáveis, acreditavam em associações científicas. A resposta não deixou dúvidas, 51 respostas validaram a crença nas associações contra 3 grupos que responderam não acreditar nelas. Procurando compreender os elementos que forjam essa percepção dos

¹¹ <https://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/quem-somos/>

grupos criou-se uma nuvem de palavras com as respostas (já que as perguntas eram abertas), entretanto é visível que a grande maioria tem como referência a força da representatividade e o fazer coletivo como resposta¹².

Figura 1: Nuvem de Palavras



Fonte: Dados da pesquisa

É possível destacar que os valores ligados às associações estão pautados pelos grupos como a importância da representatividade política, social e acadêmica, a força do coletivo, a necessidade de pressão do campo às instituições de outras esferas, redes que definem avanços e alcance das ações, em agregar diversidade e quantidade de conhecimento produzido etc. Foi possível identificar também que os grupos atribuem algumas funções a elas como: participar das políticas, discutir perspectivas para a educação, realizar eventos, fazer circular o conhecimento entre outros. Também se buscou compreensão sobre os que não acreditam nas associações ou mesmo possuem algumas críticas a elas e as narrativas versaram sobre pouca possibilidade/dificuldade de

¹² Utilizou-se a ferramenta wordcloud.online para criar a nuvem de palavras.

participação revelando experiências pessoais frustrantes, como: nas associações existem “panelas”, que existe corporativismo de grupos na liderança e que o espaço é fechado para participação. Essa três afirmativas denunciam que, em alguma medida, favoritismo e exclusão também foram sentidos nas associações em suas relações.

Mesmo as associações possuindo em sua grande maioria validação e confiança desses grupos de pesquisa, procurou-se saber em quais associações eles eram afiliados. E de forma especial, quantos desses grupos eram afiliados a ANPEL?

A resposta mais objetiva que se pode dar é que dos 54 grupos respondentes 15 são filiados a ANPEL, ou seja, 27,78% dos grupos de pesquisa além de acreditarem na entidade também se compromete com o desenvolvimento do campo participando de sua associação. Mas chamou atenção o fato que mesmo tendo um pequeno número de grupos que não acreditam na força das associações, 13 deles não são afiliados à associação alguma, revelando que 24,07% não possui nenhuma afiliação. Na busca de retratar um panorama para as afiliações às associações, buscou-se compreender suas nuances. Quando se relativiza que muitos desses grupos são pertencentes ao campo da Educação Física e nessa área existem diferentes associações, encontrou-se representatividade de uma parcela do grupo no CBCE – Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, entidade que possui um grupo de trabalho temático (GTT) denominado Lazer e Sociedade, nesse coletivo 12 grupos possuem afiliação. Na mesma perspectiva encontramos a ABRAGESP – Associação Brasileira de Gestão do Esporte, com 2 grupos afiliados. De certo é que alguns grupos possuem mais do que uma afiliação e muitos deles são associados as associações de seus vínculos departamentais. Para melhor visualização criou-se o quadro 6.

Quadro 6: Associações e as filiações dos grupos respondentes.

ANPEL e CBCE = 8	CBCE e ABRAGESP = 1	ANPUH, SBHE e SBHC = 1
ANPEL e ANPED = 1	CBCE e ANPED = 1	Rede Otium = 1
ANPEL, CBCE e ANPED = 1	ANFOPE = 1	INTERCOM = 1
ANPEL, CBCE e ABRAGESP = 1	SBPC = 2	Associação Brasileira de Custos, Anpcont, IBGC = 1
ANPEL, ANPTUR, AINALC = 1	ABPN = 1	ISSP = 1
ANPEL, ANPTUR, WLO, ISA = 1	ALESD = 1	ABRALIC = 1
ANPEL, ANPTUR, CBCE = 2	ABRATUR = 1	ANINTER-SH e ISSA = 1
Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde = 1	ABPCOM = 1	

Fonte: Dados da pesquisa¹³

Desse modo é possível visualizar a pulverização dos grupos pelas Associações Científicas, o que apresenta coerência com as relações pautadas a partir do vínculo departamental ou de área. Interessante perceber que nenhum grupo evidenciou ser afiliado apenas a ANPEL, o que pode reafirmar que o Lazer ainda não caminha sozinho quando se trata de produção e divulgação do conhecimento.

¹³ Siglas das Associações:

ABRAGESP – Associação Brasileira de Gestão do Esporte / ABRALIC- Associação Brasileira de Literatura Comparada / ABRATUR - Associação Brasileira de Turismo / ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as / AINALC - Associação de Pesquisadores Afro-Latino-Americanos e Caribenhos / ALESD - Associação Latino-Americana de Estudos Socioculturais do Esporte / ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação / ANINTER – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades / ANPCONT- Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis / ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação / ANPEL – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer / CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte / IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa / ISA –International Sociological Association / ISSA – International Society of Sport Psychology / ISSP - Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte / Rede OTIUM / REDiHEC - Rede de Pesquisa Interinstitucional em História da Educação e Cultura / SBHC - Sociedade Brasileira de História da Ciência / SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação / SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência / WLO - World Leisure Organization.

À Guisa de Conclusões

A pesquisa evidencia a importância das macropolíticas no campo da educação/pesquisa para a produção científica. A expansão das universidades públicas no Brasil, especialmente a partir dos anos 2000, impulsionou significativamente a criação e a ampliação de grupos de pesquisa no país e concomitante o crescimento expressivo no número de grupos de pesquisa que estabelecem interface com o campo do lazer. O que confirma que no século XXI, o interesse entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento para investigar esse fenômeno sociocultural, por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, ampliou. Tal potencial atrativo consolida o campo como uma área interdisciplinar potente para compreender as dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas que envolvem o lazer em suas relações com outras dimensões da vida cotidiana contemporânea.

Instigantes relações foram estabelecidas entre os aspectos de produção e circulação do conhecimento buscando compreender os desafios da interdisciplinaridade. Pois, ao mesmo tempo que todos os grupos produzem pesquisas no campo do lazer, nem todos os grupos circulam esse conhecimento produzido dentro da área. A escolha dos canais pelos quais o conhecimento científico será disseminado é condicionada por múltiplos fatores, entre eles o grau de envolvimento e comprometimento do grupo de pesquisa com o campo do lazer, o apego às tradições disciplinares ainda presentes e os critérios de avaliação estabelecidos pelas instituições de fomento. Esses critérios são influenciados tanto pelas exigências dos programas de pós-graduação aos quais os grupos estão vinculados quanto pelas classificações atribuídas aos periódicos científicos, impactando diretamente as decisões sobre onde publicar e como circular o conhecimento produzido.

De fato, são os grupos de pesquisas os maiores responsáveis pelas investigações do campo, pela produção de conhecimento, por agregar pesquisadores e por facilitar o intercâmbio em redes colaborativas, promovendo trocas, discussões e avanço do conhecimento sobre o lazer em suas diferentes camadas. Não foi possível detectar o quão interdisciplinar são as pesquisas, mas a interdisciplinaridade se faz presente e potente no campo ao analisarmos as participações nos congressos da área, nas publicações dos periódicos específicos do lazer em que as pesquisas são divulgadas e nas associações que os grupos são afiliados. Esses três elementos que a pesquisa foi capaz de analisar demonstram o tanto que o campo se constitui de forma interdisciplinar. Quanto a força de sua associação, a ANPEL, o que é possível perceber é que o esforço dessa jovem associação tem conseguido, em alguma medida, reverberar sua importância congregando pesquisadores em seus congressos, pesquisas de diferentes áreas em seu periódico e fazendo-se representante da área em pautas institucionais.

Todos os questionamentos e análises desta pesquisa foram cruciais para que se pudesse entender os desafios e potencialidades que o campo vivencia. Espera-se que os resultados apresentados possam ajudar seus/suas pesquisadores/as a se reconhecerem nesse espelho. Caminhos para ampliar a visibilidade enquanto área interdisciplinar exige uma abordagem estratégica e colaborativa. Necessita-se propiciar a aproximação com grupos de pesquisas de outras áreas que ainda estão afastadas, bem como procurar aumentar a participação efetiva desses grupos de pesquisas com interfaces com o lazer em congressos e nas publicações da área. A aproximação com os órgãos federativo que estabelecem políticas públicas para o lazer é um desafio que deve ser levado a sério,

pois muito dos conhecimentos produzidos circulam por outros caminhos e áreas que talvez não reverberem a importância do lazer como direto social.

Embora se reconheça que o lazer conquistou maior relevância e protagonismo nas discussões contemporâneas, ainda é necessário que esse campo se fortaleça nas agendas políticas. Observa-se ultimamente, de forma gradual, a retirada do termo “lazer”- e, por consequência, das ações a ele vinculadas – nas propostas de políticas públicas, o que evidencia sua necessidade de alcançar *status* de políticas de Estado e não estar associada as políticas de governo.

Reitera-se a importância de se manter um olhar atento para ações capazes de promover maior equidade entre a produção de conhecimento nas diferentes regiões e maior aproximação entre os grupos de pesquisa, especialmente nas áreas menos favorecidas estruturalmente.

Por fim, espera-se que as lacunas deixadas por essa pesquisa possam suscitar a produção de novas pesquisas. E que os grupos de pesquisa da área ou com interface nela, que por ventura venham a ler esse trabalho e não participaram da pesquisa, possam se interessar em conhecer e fortalecer a área tanto na produção quanto na circulação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRÊTAS, Angela. “**Nem só de pão vive o homem**”: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). 2007. 367f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área**. Área 45: Interdisciplinar. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/INTERDISCIPLINAR.pdf> Acesso em: 28 abr. 2025.

CEMEF. Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da EEFPTO da UFMG. **Programas da disciplina Recreação, 1967 e 1968**. Belo Horizonte, 1968.

CHIARINI, Tulio; RAPINI, Márcia Siqueira; SANTOS, Emerson Gomes dos. **Revelando tendências**: análise dos resultados do censo dos grupos de pesquisa de 2023. Brasília, DF: Ipea, ago. 2024. (Diset: Nota Técnica, 136). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/14501/1/NT_136_Diset_Revelando_tendencias.pdf Acesso em: 15 maio 2025.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000. 216 p.

GABARDO, E.; HACHEM, D. W.; HAMADA, G. Sistema Qualis: análise crítica da política de avaliação de periódicos científicos no Brasil. **Revista do Direito**, n. 54, p. 144-185, 8 jan. 2018.

GIBSON, S. S. Scientific societies and exchange: a facet of the history of scientific communication. **The Journal of Library History**, v.17, n.2, p.144-163, 1982.

GOMES, Christianne L.; MELO, Victor A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GOMES, C. L. O Lazer como fundamento do Direito ao Turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S. l.], v. 19, p. 3124, 2025. DOI: 10.7784/rbtur.v19.3124. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/3124>.

GOMES, Christianne L. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 131-144, 2015. DOI: 10.20396/conex.v1i2.8638021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638021> Acesso em: 11 jun. 2025.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Diretoria de estudos e políticas setoriais, de inovação, regulação e infraestrutura. DISET. **Nota técnica n. 136. Revelando tendências**: análise dos resultados do censo dos grupos de pesquisa de 2023. Agosto 2024.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; UNGHERI, Bruno Ocelli. Esporte, lazer e descentralização: reflexões no campo das políticas públicas. **Licere – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 1-27, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/15349> Acesso em: 22 agosto 2025.

MEC <https://dadosabertos.mec.gov.br/indicadores-sobre-ensino-superior/item/181-instituicoes-de-educacao-superior-do-brasil> Acesso em: 15 jun. 2025.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Sportiva**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958)**. Tese (Doutorado em História) – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

MIRANDA, Nicanor. **200 Jogos Infantis**. 9 ed. Belo Horizonte, MG: Editora Itatiaia Limitada, 1984.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OLIVEIRA, Madalena. Associações científicas: da ideia de rede ao ideal de comunidade. In: MARTINS, Moisés de L. **A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas**. Edições Húmus, 2017.

ORDUNA, G.; URPÍ, C. Turismo cultural como experiencia educativa de ocio. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, v.9, n.26, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30515373005> Acesso em: 20 jun. 2025.

PEIXOTO, E. Levantamento do estado da arte nos estudos de lazer: (Brasil) séculos XX e XXI - alguns apontamentos. **Educação e Sociedade**, v.28, n.99, p.561-586, 2007.

RIGO, Luis Carlos; RIBEIRO, Gabriela M.; HALLAL, Pedro C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n. 4, p. 339-345, 2011

SEREJO, Hilton Fabiano B.; ISAYAMA, Hélder F. Discursos sobre a recreação: um saber disciplinarizado na escola de Educação Física de Minas Gerais (1963 – 1969). **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25023, 2019.

SIDONE, Otávio José; HADDAD, Eduardo Amaral; MENA-CHALCO Jesús P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **TransInformação**, Campinas, v.28, n.1, p.15-31, jan./abr., 2016.

SIEGELMAN, S. S. The Genesis of Modern Science: contributions of scientific societies and scientific journals. **Radiology**, v.208, n.1, p.9-16, 1998.

SILVA, B.; OLINTO, B. Associações Científicas e Historiografia: estratégias e práticas entre os grupos ANPUH e SBPC (1971). **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 71, n. 2, p. 114-146, Jul/Dez, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/defal/Downloads/marion1,+Dossi%C3%AA+Descompassos+entre+a+hist%C3%B3ria+e+a+mem%C3%B3ria+1-313-345%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/defal/Downloads/marion1,+Dossi%C3%AA+Descompassos+entre+a+hist%C3%B3ria+e+a+mem%C3%B3ria+1-313-345%20(4).pdf) Acesso em: 11 jun. 2025.

SILVEIRA, R. da. **Vivendo Ciências:** as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física. 2016. 431f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2016.

Endereço da Autora:

Denise Falcão

Endereço eletrônico: defalcao1@gmail.com